

Um labirinto borgeano à moda brasileira

AUTOR

Vera Ceccarello*

vera.ceccarello@
gmail.com

* Doutoranda em
Sociologia pela
Universidade Estadual
de Campinas (Unicamp,
Brasil).

Un laberinto borgeano al estilo brasileño

A Brazilian Borgean labyrinth

Santiago, S. (2016).
Machado.
São Paulo: Companhia das Letras.

O crítico literário Silviano Santiago publicou o romance *Machado* (2016), em que relata o fim da vida de Machado de Assis através do mergulho nos últimos anos de sua correspondência. Trata-se de um labirinto borgeano servido à moda brasileira: uma mistura de ficção, crítica literária, referências históricas e uma pitada generosa de erudição.

O grande trunfo do romance parece ser justamente a presença dessas diversas linhagens clássicas da intelectualidade brasileira. Se Borges havia condensado literatura, filosofia, e realismo mágico, nessa grande jangada de pedra tupiniquim que é o Brasil, os referenciais são outros. Passam pela literatura como instrumento de retomada social e descoberta do país; pelo pensamento social, assentado em uma história claudicante que oscila entre espasmos democráticos e oligarquismos seculares; pela crítica literária como braço analítico fundamental das ciências humanas no Brasil; além do ensaísmo enquanto catalisador da formação das letras nacionais. Todos esses elementos foram fundamentais para a investigação, descoberta e sublimação do país. Silviano, com exímia habilidade narrativa, conseguiu reunir todos em seu romance, cujo gênero aqui bem poderia ser grafado entre aspás, dada a especificidade de sua composição.

O último tomo de correspondências de Machado de Assis, no qual se ancora Silviano Santiago, vai de 1905 a 1908 e serve de ponto de partida para a elaborada trama que gira em torno da decadência física de Machado em contraponto à reforma haussmaniana do Rio de Janeiro. A modernização da capital – antes do Império, agora da República – significou também a destruição dos grandes casarões imperiais, levando consigo parte importante da história da cidade. Parece ser uma metáfora da velhice, do luto, da dor e da solidão da viuvez. Tanto é que Machado aponta, em certo momento, que a morte é, na verdade, sinônimo de solidão.

Em outro compilado de correspondências de Machado (Assis, 2003), no qual a maioria das cartas é entre o bruxo do Cosme Velho e Joaquim Nabuco, uma das derradeiras missivas é de Nabuco endereçada a Graça Aranha, quando da ocasião da morte de Machado. Ele pontua que a vida nas condições que Machado vivia devia ser cruel, mas que para a inteligência o fazer existir, compensaria todos os sofrimentos, e isto tanto mais quanto mais alta fosse essa inteligência. A eulogia de Nabuco revela a grandeza e o sofrimento de Machado de Assis nos últimos anos de sua vida.

A morte é, portanto, uma presença evidente no romance. Mas diz-se que quando se sabe o final de um livro, presta-se mais atenção aos detalhes da narrativa. E Santiago se farta deles ao misturar as memórias de Machado com as suas próprias. O estilo híbrido do romance alterna o novo Rio de Janeiro com o velho Machado e reverbera nos lúcidos espasmos de crítica literária de Silviano Santiago ao longo do livro. São inúmeros os achados importantes do autor, conectando referenciais históricos e literários ou mesmo descobertas internas das obras, como o caso do personagem Nóbrega, no romance *Esaú e Jacó* (Santiago, 2016, p.280).

Percebe-se ao longo da obra um esforço de pesquisa significativo que vai além da correspondência dos últimos anos da vida de Machado. Há referências à arquitetura da época e o esforço da simetria atrelada ao progresso; presença de artigos de jornais; remédios usados no período; fotos da cidade; e as influências de Machado de Assis, especialmente de Stendhal, que fez Machado viajar pela Europa sem nunca sair do estado do Rio de Janeiro. Santiago, fazendo jus aos temas caros a Machado, retoma a questão dos duplos, as metáforas bíblicas, a mitologia, as datas históricas presentes nos romances, a preocupação com os nomes dos personagens e seus significados para a narrativa.

O uso das cartas para estabelecer a análise e as hipóteses é interessante, pois adentra a antessala da vida dos escritores. Ainda dentro do ofício da escrita, porém evidenciando a vida privada. Ao longo dos dez capítulos do livro, diversas personalidades reais do Rio de Janeiro oitocentista vão pululando na ficção: Mário de Alencar, o jovem escritor, filho de José de Alencar, que se aproximou significativamente de Machado e acabou se tornando uma espécie de filho espiritual; o médico Miguel Couto, que cuidava tanto de Mário quanto de Machado; Joaquim Nabuco, que sempre estabeleceu um diálogo profícuo com Machado ao longo da vida, mas sem nunca terem sido particularmente amigos íntimos; além do jornalista Carlos de Laet, do pintor Eliseu Visconti, dentre outros. A presença desses personagens não é fortuita, uma vez que a estrutura do texto se dá através das coincidências de datas, encontros ao acaso e leituras dialogadas. Por exemplo, Silviano nasce no dia em que Machado morre. Vinte e nove do nove, uma coincidência digna da obsessão de Joaquim Nabuco com o número nove.

Mas a coincidência maior parece ser a dos dramas compartilhados. Santiago toca num ponto delicado da vida de Machado de Assis: a epilepsia. O triângulo aqui – tão caro à sua escrita – fica a cargo da doença: Machado era epilético, assim como Gustave Flaubert e Mário de Alencar (que coincidentemente tinha as mesmas iniciais de Machado de Assis). As coincidências são uma espécie de busca pela simetria, pelo duplo perfeito, algo perseguido por Machado durante toda a sua obra. Silviano Santiago parece capturar essa essência no seu romance.

A figura altiva, confiante e erudita de Machado acaba se humanizando à sua proporção mais essencial que é a doença que o acomete. O imortal da Academia Brasileira de Letras morre e vive a cada ausência que sofre. Ao cabo e ao fim, todas as obras acabam sendo uma espécie de memórias póstumas de Machado de Assis. Uma das hipóteses de Silviano é compreender qual o papel da doença no seu estilo narrativo. Para ele, a epilepsia ditou certo ritmo narrativo nas obras de Machado, que parece dialogar também com a busca pelo equilíbrio – fisicamente e ficcionalmente.

Nesse sentido, uma metáfora recorrente na obra é a do mímico, lembrando até uma referência do próprio Machado ao ébrio. E, sendo assim, as duas podem ser colocadas sob um mesmo prisma de análise. O estilo ébrio é o que vai e volta, cai e levanta, balanceia e toma o prumo novamente. É como o estilo do epilético que titubeia, apaga e volta novamente e novamente e novamente. Silviano associa a imagem de Machado a Buster Keaton, o mímico que nunca ria. O mímico aparece como o artista que fala com as mãos, que se pinta e caricaturiza a si mesmo. Seria essa a sina

PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis;
Silviano Santiago;
cartas; epilepsia;
estilo literário

PALABRAS CLAVE

Machado de Assis;
Silviano Santiago;
cartas; epilepsia;
estilo literario

KEYWORDS

Machado de Assis;
Silviano Santiago;
letters; epilepsy;
literary style

Recibido:

08.03.2017

Accepted:

07.09.2017

do mulato que cresceu no Morro do Livramento e aprendeu a falar com as palavras através das mãos? A analogia é interessante e perpassa toda a história do romance.

A relação entre a historiografia, a literatura e a ficção já havia encontrado as letras de Silviano Santiago no romance *Em liberdade* (1994), em que o autor esboça a vida de Graciliano Ramos nos momentos seguintes à sua saída da prisão no governo Vargas. Tanto lá quanto cá o momento de crise pessoal parece evidenciar um ponto nevrálgico para as análises de Santiago. Há uma relação interessante entre os dois projetos, já que a presença da memória se coloca como unificadora. Graciliano Ramos escreve *Memórias do cárcere* (1996) e Machado de Assis escreve *Memorial de Aires* (1994). Amargura em um, melancolia em outro. A prisão de Machado parece ser no próprio corpo. Graciliano morre antes de finalizar as suas memórias. Machado, ainda que doente e cansado, termina o último relato na voz do diário do Conselheiro Aires. É como se houvesse uma espécie de trauma para os escritores diante da perda de algo e Santiago procura reelaborar o passado de cada um deles diante de um momento crítico. A certa altura do *Memorial de Aires* (1994), Machado diz acerca de dois personagens do romance que eles queriam ser risonhos e mal podiam consolar. Só consolava a saudade que tinham de si mesmos.

Não se trata de uma obra de fácil leitura. Quase todos os capítulos terminam com uma espécie de *grand finale* que conecta os elementos que estavam soltos até então. Por vezes, a tentativa de união de história, literatura e crítica não se amarra bem ao longo do capítulo, ficando compreensível apenas o intuito do autor nos derradeiros parágrafos. Porém, o último capítulo parece se configurar como a tentativa mais bem acabada desse intento. Não apenas porque fecha o livro em suas diversas facetas, mas também porque o capítulo “Transfiguração” se une ao quadro homônimo de Rafael, que consta no livro em uma espécie de prólogo. No derradeiro capítulo, a inovadora argumentação de Santiago se fecha. A duplicidade da tela de Rafael mostra, por um lado, Cristo ascendendo à imortalidade, enquanto o garoto epilético almeja a sua cura. Não à toa Machado parecia ser obcecado por essa obra. A erudição de Santiago – para bem e para o mal – dá os tons do romance. Por vezes fiel ao mestre

Machado, por vezes entusiasta e descritivo como todo leitor apaixonado de Machado sempre é. Uma empreitada arriscada que às vezes funciona bem, em outros momentos, menos. Mas um grande desafio serve a grandes escritores. A abordagem de Silviano conectando a epilepsia e o estilo de Machado é válida e inovadora.

Literatura, história, memória, ficção e historiografia são as peças do engenhoso quebra-cabeças montado por Silviano Santiago. Também eram partes fundamentais da narrativa machadiana, que ecoa agora nas entrelinhas desse romance híbrido. Ao espelhar sua vida na de Machado e sua obra na obra de Machado, Silviano reflete Borges de alguma forma e multiplica através de um espelho a solidão, o luto, a dor e a velhice de ambos. Os diversos universos criados dialogam entre si graças à incorporação do estilo machadiano, algo que já havia ocorrido na obra sobre Graciliano Ramos. Mas mais do que isso, Silviano Santiago estabelece uma chave analítica de um período obscuro e pouco analisado da obra de Machado de Assis.

Machado (Santiago, 2016) percorre um lento caminho. E lentidão não quer dizer calma. Os últimos anos da vida do “mímico” do Cosme Velho – para usar agora a denominação de Santiago – foram tensos, solitários e dolorosos. E essa crise prenhe de pequenas crises físicas se transformou no arcabouço necessário para que o crítico literário mineiro desvendasse as artimanhas do tão conhecido estilo machadiano. Silviano Santiago se embrenhou na biografia de Machado, bisbilhotou as entrelinhas das cartas e, através da ficcionalização de um dos maiores ficcionistas brasileiros, tentou descobrir o sentido e o estilo por trás de cada palavra grafada. Trata-se, pois, de um esforço inegável de estética e de pesquisa histórica.

do mulato que cresceu no Morro do Livramento e aprendeu a falar com as palavras através das mãos? A analogia é interessante e perpassa toda a história do romance.

A relação entre a historiografia, a literatura e a ficção já havia encontrado as letras de Silviano Santiago no romance *Em liberdade* (1994), em que o autor esboça a vida de Graciliano Ramos nos momentos seguintes à sua saída da prisão no governo Vargas. Tanto lá quanto cá o momento de crise pessoal parece evidenciar um ponto nevrálgico para as análises de Santiago. Há uma relação interessante entre os dois projetos, já que a presença da memória se coloca como unificadora. Graciliano Ramos escreve *Memórias do cárcere* (1996) e Machado de Assis escreve *Memorial de Aires* (1994). Amargura em um, melancolia em outro. A prisão de Machado parece ser no próprio corpo. Graciliano morre antes de finalizar as suas memórias. Machado, ainda que doente e cansado, termina o último relato na voz do diário do Conselheiro Aires. É como se houvesse uma espécie de trauma para os escritores diante da perda de algo e Santiago procura reelaborar o passado de cada um deles diante de um momento crítico. A certa altura do *Memorial de Aires* (1994), Machado diz acerca de dois personagens do romance que eles queriam ser risonhos e mal podiam consolar. Só consolava a saudade que tinham de si mesmos.

Não se trata de uma obra de fácil leitura. Quase todos os capítulos terminam com uma espécie de *grand finale* que conecta os elementos que estavam soltos até então. Por vezes, a tentativa de união de história, literatura e crítica não se amarra bem ao longo do capítulo, ficando compreensível apenas o intuito do autor nos derradeiros parágrafos. Porém, o último capítulo parece se configurar como a tentativa mais bem acabada desse intento. Não apenas porque fecha o livro em suas diversas facetas, mas também porque o capítulo “Transfiguração” se une ao quadro homônimo de Rafael, que consta no livro em uma espécie de prólogo. No derradeiro capítulo, a inovadora argumentação de Santiago se fecha. A duplicidade da tela de Rafael mostra, por um lado, Cristo ascendendo à imortalidade, enquanto o garoto epilético almeja a sua cura. Não à toa Machado parecia ser obcecado por essa obra. A erudição de Santiago – para bem e para o mal – dá os tons do romance. Por vezes fiel ao mestre

Machado, por vezes entusiasta e descritivo como todo leitor apaixonado de Machado sempre é. Uma empreitada arriscada que às vezes funciona bem, em outros momentos, menos. Mas um grande desafio serve a grandes escritores. A abordagem de Silviano conectando a epilepsia e o estilo de Machado é válida e inovadora.

Literatura, história, memória, ficção e historiografia são as peças do engenhoso quebra-cabeças montado por Silviano Santiago. Também eram partes fundamentais da narrativa machadiana, que ecoa agora nas entrelinhas desse romance híbrido. Ao espelhar sua vida na de Machado e sua obra na obra de Machado, Silviano reflete Borges de alguma forma e multiplica através de um espelho a solidão, o luto, a dor e a velhice de ambos. Os diversos universos criados dialogam entre si graças à incorporação do estilo machadiano, algo que já havia ocorrido na obra sobre Graciliano Ramos. Mas mais do que isso, Silviano Santiago estabelece uma chave analítica de um período obscuro e pouco analisado da obra de Machado de Assis.

Machado (Santiago, 2016) percorre um lento caminho. E lentidão não quer dizer calma. Os últimos anos da vida do “mímico” do Cosme Velho – para usar agora a denominação de Santiago – foram tensos, solitários e dolorosos. E essa crise prenhe de pequenas crises físicas se transformou no arcabouço necessário para que o crítico literário mineiro desvendasse as artimanhas do tão conhecido estilo machadiano. Silviano Santiago se embrenhou na biografia de Machado, bisbilhotou as entrelinhas das cartas e, através da ficcionalização de um dos maiores ficcionistas brasileiros, tentou descobrir o sentido e o estilo por trás de cada palavra grafada. Trata-se, pois, de um esforço inegável de estética e de pesquisa histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assis, M. de. (1994). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Assis, M. de & Nabuco, J. (2003). *Correspondência*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks.

Ramos, G. (1996). *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record.

Santiago, S. (1994). *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Rocco.

Santiago, S. (2016). *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras.